



FIRMINO DE ASSUNÇÃO TEIXEIRA
1852 - 1932

A TAREFA DA GENEROSIDADE

Grande benemérito da causa espírita em Portugal, nasceu em Murça em 14 de março de 1852, pobre e humilde, tendo desencarnado na Póvoa de Varzim no dia 22 de Julho de 1932, com 62 anos de idade.

Ainda novo, partiu para o Brasil, onde encontrou a riqueza no ramo comercial, após muitos anos de labuta. Inteligente e organizado, caracterizava-se pela sua abnegação e bondade, ao ponto de numa homenagem póstuma, José Camilo de Almeida, da Mesa da Assembleia Geral da Sociedade Portuense de Investigações Psíquicas (SPIP) assim se lhe referir: “Imite-

mo-lo na simplicidade, na modéstia, na resignação calma e serena, enfrentando a dor com o sorriso nos lábios, porque ela é a mais poderosa alavanca do progresso espiritual do homem”.

Após muitos anos de trabalho, fixou-se na Póvoa de Varzim, tendo-se dedicado e desdobrado no patrocínio da propaganda espírita, financiando generosamente a FEP e a SPIP, bem como outros centros espíritas, socorrendo também vários institutos de beneficência e muitas famílias necessitadas.

Os donativos avultados que distribuía anualmente iam muito além das possibilidades da sua fortuna. Num admirável espírito de sacrifício, levando uma vida mais do que modesta (quando os seus rendimentos lhe permitiam cercar-se de um luxuoso conforto), era com o produto das suas economias, sacrificando, por vezes, as suas comodidades, que realizava os seus vastos planos de filantropia, em gestos generosos. É o responsável pela construção da sede da FEP e da SPIP. Além disso, instituiu um legado permanente de 254.000\$00 (entregue à FEP) para subsidiar as coletividades que melhor propagassem o espiritismo. No seu testamento contemplou a Misericórdia de Murça, sua terra natal, com cerca de 500.000\$00. Ao Asilo dos Meninos Desamparados de Campanha, cerca de 70.000\$00, além de dezenas de milhares de escudos distribuídos pelos pobres da Póvoa de Varzim e pelos familiares.

“Exemplo de bondade, espírita convicto, consciente da sua função social, como equilibrante de ambições e dos desmandos dos homens, alheio a conluios ou interesses de facção, soube, como poucos – no dizer de António Castanheira de Moura (Revista de Metapsicologia n.º 7, Julho 1953) –, cumprir e realizar obra que, como exemplo, deixou aos espíritas, no mais elevado sentido de fraterna solidariedade, indicando-lhes assim o dever de continuarem a obra por si profundamente sentida.”

Desencarnou após muitas lutas na vida, com o apreço de todos os que o conheciam, não esquecendo de deixar um recado aos espíritas da época: “Imponham o Espiritismo pela inteligência, pois só assim poderão conquistar as elites do pensamento que serão os seus melhores propagandistas. A moral cristã será o seu lógico complemento. Editem folhetos, muitos folhetos e monografias de distribuição gratuita. O Espiritismo será o grande renovador do mundo e o melhor arauto da fraternidade humana e de toda a moral de Cristo. A Humanidade, desvairada pelo egoísmo, necessita mais ainda do pão do espírito, da luz do conhecimen-

to neo-espiritualista, do que do pão do corpo. Mas cultivando o primeiro não devemos esquecer-nos do segundo.”